

## CORREIA, Vergílio

Régua, 1888 - Coimbra, 1944

O nome de Vergílio Correia Pinto da Fonseca (Fig. 1) encontra-se associado ao desenvolvimento das áreas de conhecimento da história da arte, da arqueologia e da etnografia em Portugal durante a primeira metade do século XX. Conhece-se pouco da sua infância na Régua, onde nasceu no ano de 1888, passando, já em 1906, para o contexto académico proporcionado pela Universidade de Coimbra, onde se licenciou em Direito, em 1911, ainda que demonstrasse, desde cedo, pouca apetência pelos meandros jurídicos. Estes foram logo preteridos pelo interesse manifestado pelos estudos patrimoniais, como o próprio evidencia: “Em Coimbra, no ambiente arcaico da cidade, na contemplação dos seus monumentos no seu Museu do Instituto, me fiz arqueólogo, com contacto com os costumes do povo, pelos arrabaldes, me fiz etnógrafo” (Correia, 1946, VIII).

Além da assimilação da vasta literatura científica no âmbito da arqueologia portuguesa, a continuação da formação teórico/prática de Vergílio Correia na referida área decorreu no Museu Etnológico Português, a partir de 1912, sendo um dos discípulos de José Leite de Vasconcelos, o que permitiu participar em diferentes escavações arqueológicas, sobretudo no sul do país e em Condeixa-a-Velha. Já em 1915 ocorreu a sua passagem para o Museu Nacional de Arte Antiga, onde foi nomeado conservador e cujo cargo se manteve até ao ano de 1921. A relação conflituosa que deteve com José de Figueiredo, que ultrapassou a mera divergência académica, levou-o à saída da referida instituição. No

mesmo ano entrou para o quadro docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde lecionou até ao seu falecimento as disciplinas de Arqueologia e História da Arte. Em 1929 substituiu António Augusto Gonçalves à frente do Museu Machado de Castro, acumulando, a partir de setembro de 1937, o referido cargo com a direção do *Diário de Coimbra*, sendo, à época, o jornal de maior tiragem da cidade, e onde redigiu, desde 1935, a importante coluna *Arte e Arqueologia*, constituindo-se num autêntico diário de um investigador dos estudos históricos conimbricenses (Freitas, 2016, 88-93).

A sua produção científica foi prolífera, obtendo reconhecimento a nível nacional e internacional. Além da participação em diferentes publicações periódicas, destacam-se os estudos de maior fôlego que versaram, entre outros temas, sobre a arqueologia neolítica e romana, os marcos arquitetónicos essenciais do país, com destaque para a especificidade conimbricense, passando ainda pelas particularidades artísticas de



FIG. 1 Vergílio Correia com as insígnias universitárias, c. 1930. © Museu Nacional Machado de Castro.



âmbito regional (sobretudo beirão), por esforços empreendidos no âmbito da biografia dos principais produtores/executantes, entrando ainda por temáticas até então inexploradas, como a pintura de frescos em Portugal nos séculos XV e XVI (*Ibidem*).

Em termos metodológicos, Vergílio Correia primou por uma historiografia onde a corroboração dos factos através das fontes se afigura fundamental, colocando de lado quaisquer preleções somente estilísticas ou de atribuições de supostas autorias sem quaisquer elementos probatórios, enveredando por uma prática próxima do positivismo histórico oitocentista, ainda que se esquivasse à mera descrição documental (*Idem*: 90-91; Rosmaninho, 1995, 161-181). O legado da fonte em detrimento de contemplações sobre estilos e a formação de juízos críticos levou-o a confrontos inflamados com José de Figueiredo, com o seu opositor a definir a observação direta/leitura da obra como método primaz na historiografia artística, secundarizando, deste modo, a importância do documento escrito (Baião, 2015, 196-198).

No âmbito do desenvolvimento da museologia portuguesa, o contributo deixado por Vergílio Correia foi deveras significativo. Logo em 1930 tentou criar uma consistência teórica à missão e organização dos museus regionais, uma vez que a explanação de tal estatuto se encontrava ausente nos diversos diplomas até então outorgados. Como reflexo de uma determinada circunscrição geográfica, o museu regional definido por Correia parte de um espólio assente na tríade de objetos de arte, arqueologia e etnografia, compreendendo, de igual modo, uma organização expositiva que contemplasse uma “sala cívica” (na mesma linha que os museus italianos), onde o discurso, em consonância com o acervo exposto, permitisse o enaltecimento dos acontecimentos-chave da história local e das suas personalidades eminentes (Correia, 1930, 318-328). A defesa da especificidade inerente aos museus regionais levou Vergílio Correia a

criticar, em 1942, a posição de João Couto sobre o programa de formação de conservadores dos museus do Estado, assente num estágio trienal a realizar no Museu Nacional de Arte Antiga: “O Museu das Janelas Verdes é diferente de qualquer outro Museu e não me parece talhado para Museu normal [...]. Podem os estagiários aprenderem, sob a proficiente direcção do Sr. dr. João Couto, a organizar as colecções. Mas isso basta? [...] Considere-se que cada Museu Regional tem o seu carácter sendo portanto multiformes no aspecto [...]. Como conciliar todas estas variedades com regras de conduta cosmopolitas perfeitamente lógicas em grandes museus, tão descabidas nos pequenos agregados museográficos?” (Correia, 1942a, 1).

A sua vigência no cargo de diretor do Museu Machado de Castro (1929-1944) ficou marcada pela modificação da missão e alcance da instituição, substituindo-se o enfoque nas artes industriais, concebido por António Augusto Gonçalves, para assumir, na sua plenitude, as premissas essenciais de um museu regional. Ainda assim, a compreensão da importância das colecções depositadas, especialmente as de imaginária gótica e do renascimento coimbrão, levou a que Vergílio Correia projetasse que, num futuro próximo, o ideário regionalista fosse ultrapassado por um estatuto de abrangência superior, alvitando inclusivamente uma possível nomenclatura de Museu Nacional de Escultura (Correia, 1935, 1-4). O legado do seu labor enquanto diretor do museu conimbricense ficará, de igual modo, marcado por uma profunda remodelação do complexo arquitetónico que permitiu o “despertar” das pré-existências, com destaque para: o início do desentulhamento do criptopórtico romano da *civitas aeminiensis*; a reconstituição das faces medievais da igreja de São João de Almedina e respetiva integração no discurso expositivo (Fig. 2); a intervenção nas fachadas exteriores do antigo paço episcopal; as integrações de salvaguarda patrimonial dos portais de Santo Agostinho e de São Tomás de





FIG. 2 Museu Machado de Castro: claustro da igreja medievla de São João de Almedina reconstituído *in situ* (c. 1938). © Museu Nacional Machado de Castro.

Aquino, originários de outros edifícios da cidade. A experiência de Vergílio Correia enquanto arqueólogo levou, por um lado, à preservação *in situ* das estruturas arquitetónicas “levantadas do chão”, atenuando, por outro, os efeitos perversos da máquina estatal das obras públicas – Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais –, conhecida pelo seguidismo de certo modo acrítico das premissas *violletianas* da unidade de estilo (Freitas, 2016, 206-260).

Por último, destaque-se a sua importância na preservação do *oppidum* de *Conimbriga*, cujas ruínas conheceu em profundidade desde os tempos de juventude, sendo responsável por diferentes campanhas arqueológicas que aumentaram significativamente o conhecimento histórico do antigo povoado romano. Já em 1936 Correia discorreu sobre a necessidade de aproveitamento da referida estância, propondo o seguinte: “Para que esta obra se perpetue são indispensáveis a fundação de um museu, anexo às ruínas, projecto que a direcção dos monumentos acarinha; e a criação de uma comissão de iniciativa e turismo em Condeixa, a qual se justifica plenamente quer pela importância turística, cada vez maior, da região, quer pela existência na risonha vila de um grupo de pessoas activas e dedicadas à sua terra, capazes de independentemente de subordinações centralistas, executarem um programa

de obras em benefício dos habitantes, e do país em geral. Esperemos” (Correia, 1936, 1). A sua morte, ocorrida, de modo repentino, a 3 de junho de 1944, não permitiu assistir à realização plena deste seu desejo, concretizada na fundação, em 1962, do Museu Monográfico de Conímbriga.

#### BIBLIOGRAFIA

- BAIÃO, Joana. 2015. *Museus, arte e património em Portugal. José de Figueiredo (1871-1937)*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- CORREIA, Vergílio. 1930. “Da importância dos museus regionais”. *Biblos*, VI: 318-328.
- CORREIA, Vergílio. 1935. “Como se faz um museu”. *Diário de Coimbra*, 1689, 07-05-1935: 1-4.
- CORREIA, Vergílio. 1936. “Conimbriga. A mais importante cidade romana do centro de Portugal”. *Diário de Coimbra*, 1902, 25-05-1936: 1.
- CORREIA, Vergílio. 1940 a. “Museus Regionais”. *Diário de Coimbra*, 3202, 12-02-1940: 1.
- CORREIA, Vergílio. 1940 b. “Um museu em Conimbriga”. *Diário de Coimbra*, 3190, 29-01-1940: 1.
- CORREIA, Vergílio. 1941. *Santos Rocha fundador dum museu*. Figueira da Foz.
- CORREIA, Vergílio. 1942 a. “Museografia”. *Diário de Coimbra*, 3888, 05-01-1942: 1.
- CORREIA, Vergílio. 1942 b. “Museologia”. *Diário de Coimbra*, 3895, 12-01-1942: 1-4.
- CORREIA, Vergílio. 1946. *Obras*. vol. I. Coimbra: Por ordem da Universidade.
- FREITAS, Duarte Manuel. 2016. *Museu Machado de Castro. Memorial de um Complexo Arquitetónico Enquanto Espaço Museológico*. Casal de Cambra: DGPC/Caleidoscópio.
- ROSMANINHO, Nuno. 1995. “A historiografia artística de Vergílio Correia”. *Revista da Universidade de Aveiro*, 12: 161-181.

[D.M.F.]

**DUARTE MANUEL FREITAS** Doutorado em História, na especialidade de Museologia e Património Cultural. Professor Auxiliar da Universidade Autónoma de Lisboa, membro integrado no Centro de História da Sociedade e da Cultura (FLUC) e no Centro de Investigação em Ciências Históricas (UAL). Atua nas áreas da Didática da História, da Museologia Histórica e da História das Empresas. Com a sua tese de doutoramento, intitulada *Memorial de um complexo arquitetónico enquanto espaço museológico: Museu Machado de Castro (1911-1965)*, entretanto publicada na Coleção Estudos de Museus (2016), obteve o Prémio Victor de Sá de História Contemporânea (2015) e o prémio da Associação Portuguesa de Museologia, na categoria de “Melhor Estudo de Sobre Museologia” (2016).

